

O que os desempregados podem fazer? (Parte 2) - Paul Mattick

Versão escaneada:

<http://aaap.be/Pdf/International-Council-Correspondence/International-Council-Correspondence-4-03b.pdf>

Versão transcrita: sem

Publicado no I.C.C., Volume 4 Número 3, maio de 1938

Contrabando de carvão na Pensilvânia

A primeira reação significativa à depressão por parte dos desempregados americanos foi o amplo movimento de autoajuda nos anos de 1930 a 1933¹. A maioria de suas organizações surgiu nas regiões agrícolas dos Estados Unidos, principalmente no Oeste. As que existiam nas cidades eram obrigadas a funcionar por meio da mendicância organizada e da troca de sua mão de obra por produtos de primeira necessidade. Em 1933, a maioria deles havia desaparecido. Além desses desempregados, que tentaram escapar da miséria com o "American Way", outros tentaram novos métodos de autoajuda. Entre eles, os mineiros da Pensilvânia foram os mais bem-sucedidos.

Além dos limites da propriedade privada

O contrabando de carvão na Pensilvânia agitou consideravelmente o mundo capitalista. As pessoas, que não estavam familiarizadas com os fatos, se perguntavam se "tais coisas poderiam acontecer". O relatório da Coal Industry Commissions para o governador Earle, em 1937, declarou² "que o contrabando de carvão é um fenômeno social e econômico sem precedentes neste país. O contrabandista está expropriando a propriedade de outros para seu próprio uso, para se manter vivo. O análogo mais próximo talvez seja o sit-down industrial, a nova arma paralisante do trabalho organizado". A questão econômica envolvida aparece aqui claramente como uma questão de classe. Por esse motivo, o movimento dos mineiros desempregados diz respeito a todos os trabalhadores e merece uma investigação mais detalhada.

¹ Veja a edição anterior de Living Marxism. Vol. IV, No. 2, março de 1938, pp. 59-61.

² Bootlegging or Illegal Mining of Anthracite Coal in Pennsylvania [Contrabando ou mineração ilegal de carvão antracito na Pensilvânia]. Comissão da Indústria de Carvão Antracito, Comunidade da Pensilvânia, 1937. Todos os fatos a seguir foram extraídos desse relatório, que pode ser considerado o estudo mais confiável realizado até o momento.

A coleta de carvão por mineiros, empregados ou desempregados, é uma prática estabelecida há muito tempo nas minas de carvão do país. Sem precedentes, entretanto, é a apropriação aberta de carvão para fins de venda. A retirada de carvão dos bancos de carvão e de rejeitos para seu próprio uso sempre foi considerada pelos mineiros como seu "direito". Sempre enganados pelas empresas de carvão, eles achavam que o carvão que permanecia nos bancos de rejeitos de fato pertencia a eles. Essa prática tem sido combatida de forma consistente, mas em vão, pelas empresas nos últimos 30 anos.

A depressão atingiu com força excepcional os distritos de antracito da Pensilvânia, pois o setor de carvão estava em declínio desde 1926. Naquele ano, a produção chegou a 84 milhões de toneladas líquidas, que foram reduzidas para 51 milhões em 1935. O número de trabalhadores empregados diminuiu de 168.734 em 1926 para 100.539 em 1935. O valor total do produto caiu de 466 milhões de dólares em 1926 para 207 milhões de dólares em 1935. O total de salários caiu de 256 milhões de dólares em 1924 para 105 milhões de dólares em 1935³.

Depois de 1927, a maioria das minas de carvão de custo mais alto foi fechada, o que significou a ruína total de muitas cidades mineradoras, especialmente nas regiões do sul da Pensilvânia, em comunidades como Pottsville, Shamokin, Minersville, Shenandoah etc., onde não havia outro setor além da mineração. Como a situação geral não permitia a migração e como o auxílio dado, quando dado, era inadequado, muitos mineiros não tinham alternativa à fome, exceto o contrabando.

O contrabando de carvão, como é conhecido hoje, está funcionando desde 1930. No início, consistia em uma extensão da antiga prática de retirar carvão de brechas e afloramentos, embora em quantidades cada vez maiores, parte das quais era trocada nos bairros por outras mercadorias. Do escambo, os mineiros logo passaram à venda. No início, toda a atividade ocorria à noite, mas a experiência extinguiu os temores e logo o carvão foi extraído e enviado em caminhões pelos mesmos métodos empregados nos negócios legítimos. Depois de 1931, o carvão ilegal chegou a cidades tão distantes quanto Filadélfia e Nova York, e hoje a mineração ilegal, com suas próprias técnicas, marketing e organização, é um setor substancial. Em 1936-37, o setor de contrabando produziu e vendeu carvão antracito a uma taxa de 2.400.000 toneladas por ano, ou 5%

³ No período de 1926 a 1930, o número de trabalhadores diminuiu de 168.734 para 100.539, a produção de 84 milhões para 51 milhões, o valor total da produção diminuiu de 466 milhões para 207 milhões, os salários de 256 milhões para 105 milhões, o que ilustra que nenhuma melhoria técnica ou racionalizadora de real importância foi feita durante esses anos, sendo que a maioria delas caiu no período de crise. O caráter de estagnação do setor de carvão vem à tona claramente, daí também os esforços para sua nacionalização.

da produção total de todas as minas de antracito da Pensilvânia. Os consumidores pagaram cerca de US\$ 16.000.000 por ano pelo carvão ilegal. Cerca de 13.000 homens estavam engajados no setor, a maioria deles sendo ex-mineradores e seus filhos, que sustentavam cerca de 45.000 pessoas. Durante o emprego regular, a maioria desses mineiros era membro da United Mine Workers of America.

As minas, ou buracos, são operadas por grupos de 3 a 5 mineiros. O trabalho é feito em regime de parceria, mas alguns buracos empregam trabalhadores com salários. Em 1937, havia cerca de 2.000 buracos em operação. Como os mineiros, por falta de implementos, não podem cavar muito fundo, eles têm de abandonar os buracos depois de alguns meses e desenvolver novos buracos onde o carvão é mais acessível. Os rompedores empregam cerca de 4 homens e trabalham, em média, 119 toneladas por semana. Com poucas exceções, nem os mineiros nem os quebradores conseguem ter uma renda semanal média superior a 14 dólares. Os caminhoneiros e distribuidores têm uma renda maior, alguns chegando a ganhar 70 dólares por semana, mas como o carvão precisa ser vendido abaixo do preço de mercado para ser vendido, os lucros, mesmo para os distribuidores, não podem ser muito altos. O contrabando só é possível em certas partes do estado, onde o carvão pode ser facilmente alcançado. Embora algumas empresas, reunindo as economias dos mineiros, tenham empregado um maquinário considerável, em geral o capital investido em implementos é extremamente pequeno e, com frequência, fica muito abaixo de US\$ 100. O tempo médio de trabalho em minas e rompedores é de cerca de 40 horas por semana.

A luta contra o contrabando de drogas

A importância da mineração ilegal foi muito bem reconhecida pela classe trabalhadora. Não apenas os proprietários "expropriados", mas toda a burguesia ficou horrorizada com o colapso da "lei e da ordem". Eles exigiam incessantemente ações contra os contrabandistas. A imprensa liberal e trabalhista "desculpou" a atividade ilegal com o argumento de que os contrabandistas não tinham alternativa e exigiu que a burguesia tomasse providências legais para os mineiros desempregados, de modo que a "desculpa" pudesse ser removida. É claro que a força das circunstâncias levou a essa situação geralmente lamentada, e também é claro que os mineiros prefeririam um emprego legal, já que 14 dólares por semana não é um incentivo real à ilegalidade e os perigos relacionados ao contrabando são muito sérios. Apesar da ausência dos chefes de condução e do sistema de aceleração fatal para tantos mineiros, a ausência de dispositivos de segurança ainda gera uma taxa de fatalidade no contrabando três vezes

maior do que na mineração legal. E embora os mineiros, tendo perdido o medo da punição, não tenham mais uma atitude moral em relação à mineração ilegal, mas simplesmente continuem a ganhar seu sustento como o resto deste mundo "maldito", eles não devem retornar a um emprego mais "respeitável", se ele estiver disponível.

A primeira ação dos operadores de carvão contra a mineração ilegal foi prender os contrabandistas. Os juízes aplicavam multas em dólares que, como todos sabiam, nunca poderiam ser pagas. Logo os mineiros exigiram julgamentos com júri, mas raramente se encontrava um júri disposto a condenar os infratores da lei, já que todos fora das empresas conheciam muito bem a situação e não conseguiam conceber o fim do contrabando por meio de uma ação judicial. Algumas sentenças de prisão foram executadas, mas não conseguiram influenciar os mineiros. Além disso, não havia prisões suficientes para prender todos os infratores da lei, nem havia dinheiro suficiente para alimentar os prisioneiros ou mesmo para pagar as despesas da promotoria.

A maioria esmagadora das pessoas nas cidades mineradoras é de mineiros. A burguesia aparentemente não gosta de viver onde explora. Os instrumentos eleitos de "lei e ordem" nessas cidades não poderiam se voltar facilmente contra seus eleitores, nem os lojistas contra seus clientes, nem os padres contra as mãos que os alimentam. O contrabando era justificado nos púlpitos, bem como nos tribunais e, certamente, nos armazéns gerais, que aguardavam o pagamento de seus devedores. Como todos os elementos não produtores das cidades mineradoras dependiam anteriormente da mineração legal, agora dependiam da mineração ilegal.

Essa atitude e necessidade são explicadas, além disso, pelo processo de concentração no setor de carvão. Cerca de 65% de todos os mineiros ilegais estão trabalhando em terras pertencentes a uma única empresa, a Philadelphia and Reading Coal and Iron Company. A empresa fechou as minas não lucrativas de acordo com a ética do capitalismo, ou seja, desconsiderando totalmente as consequências sociais desse ato. Os mineiros "abandonados" pelo capital acharam fácil abandonar a causa capitalista. Jogar os mineiros desempregados nas organizações de caridade locais e estaduais não criou muita simpatia pelas sofridas empresas capitalistas. Mas, da mesma forma, lei é lei, e a máquina estatal representa todo o estado capitalista, e não apenas a parte sul da Pensilvânia, onde o contrabando floresce. As ações dos mineiros tinham de ser denunciadas em princípio, mesmo que não pudessem ser impedidas na realidade.

Em setembro de 1932, as operadoras pediram um embargo ao carvão ilegal e uma ação policial. Mas o Estado apontou que não havia uma força policial disponível grande o

suficiente para lidar com a situação. Afinal de contas, a Pensilvânia ainda não é a Espanha. O assassinato em massa ainda é um método questionável. Ainda restaria o problema do que deveria ser feito com os desempregados se a polícia conseguisse acabar com a mineração ilegal. De alguma forma, os trabalhadores teriam de ser alimentados e, considerando tudo, era mais econômico deixar que os trabalhadores "roubassem" seu sustento do que atendê-los com ajuda. Além disso, a ajuda era tão escassa que o contrabando era inevitável como forma de complementá-la. De fato, a chegada do Federal Relief e do WPA não impediu o contrabando em nenhum grau significativo.

Com sua própria força policial privada, as empresas continuaram a perseguir os mineiros e caminhoneiros do setor de contrabando. Mas em 1933 houve uma agitação considerável nas áreas de mineração. Manifestações e movimentos de protesto levaram a uma "situação perigosa" e forçaram as operadoras a se esconderem novamente. Os mineiros entraram em greve em solidariedade aos contrabandistas; outros desempregados se uniram às forças dos contrabandistas; e a equalização do trabalho entre as minas foi exigida de modo geral. Contra protestos e apelos que chegaram até Washington, a Reading Coal and Iron Company fechou mais minas em 1934, e o setor de contrabando não pôde deixar de se expandir. Mas, ainda assim, lei é lei e os distribuidores de carvão ilegal foram presos na Filadélfia e em Nova York. Ao fechar os canais de distribuição, esperava-se fechar os buracos nas colinas da Pensilvânia. Os caminhoneiros então se organizaram em associações e lutaram em seus casos nos tribunais. Os mineiros também se organizaram na Independent Miners of Shamokin and Vicinity e em organizações semelhantes. Em abril de 1935, o Holstrom Bill, que exigia a emissão de licenças para transportadores de carvão em rodovias estaduais, foi apresentado na legislatura estadual. Cinco mil contrabandistas marcharam até a capital, Harrisburg, e o projeto de lei foi retirado.

Em 1936, as operadoras tentaram novamente obter ajuda governamental para acabar com o contrabando por meio de métodos policiais, mas mais uma vez foram rejeitadas. O Estado iniciou um comitê de investigação que deveria apresentar em seu relatório sugestões para a solução do problema. Até o momento, entretanto, nenhuma solução foi encontrada, a não ser a sugestão do governador Earle de nacionalizar o carvão. Porém, nem o humanitário governador do Estado de Nova York nem o ainda mais humanitário prefeito da cidade de New Cork estavam dispostos a esperar pelo bolchevismo no setor de carvão, e foram aprovados projetos de lei para acabar com o contrabando por meio

da regulamentação da venda de carvão. No entanto, o contrabando continuou, embora em um ritmo um pouco mais lento por um tempo, devido à melhoria temporária das condições, mas agora novamente em uma escala maior.

O significado de tudo isso

A existência do setor de contrabando conta uma história múltipla e de longo alcance. Primeiro, ela ilustra de forma concentrada todos os arranjos idiotas que prevalecem na sociedade atual. O carvão é uma necessidade social, mas, como recurso natural, existe apenas em quantidade limitada. Não faz sentido desperdiçar carvão ou a força de trabalho envolvida em sua extração. O desenvolvimento técnico permitiu maior produtividade no processo de mineração, embora os trabalhadores explorados mais intensamente não tenham lucrado muito, se é que lucraram, com as melhorias técnicas. Mas, no setor de contrabando, a técnica deixou de existir; o carvão é novamente extraído da maneira primitiva da Idade Média. Ele também é extraído sem levar em conta o futuro próximo da mineração de carvão, o que, aliás, preocupa os proprietários capitalistas, que querem ampliar ao máximo seus lucros com as minas. Os buracos falsos enfraquecem a formação de rocha e sujeira acima dos veios de carvão que se encontram mais abaixo e, quando abandonados, ameaçam constantemente os trabalhos legítimos mais profundos com inundações. Hoje, porém, esse é um problema primordial para os proprietários legais das minas, embora, por falta de fundos de investimento, não possa ser empregado suficientemente pelos contrabandistas, e os existentes nas minas legais mais profundas perdem parte de seu valor devido aos novos perigos causados pela invasão dos buracos clandestinos. Assim, os engenheiros de segurança trabalharam em vão; os resultados de seu trabalho são prejudicados pela situação atual, que significa muito mais ossos quebrados e crânios esmagados para os mineiros.

No que diz respeito ao tão lamentado colapso do processo legal, isso não deveria nem mesmo preocupar o trabalhador de mentalidade capitalista. Pois *parece* apenas que os trabalhadores escaparam da exploração dos capitalistas; na verdade, eles são mais explorados do que antes, embora não mais por empresas específicas, mas pelo sistema predominante do capitalismo do qual essas empresas específicas fazem parte. Os operadores de carvão que reclamam não estão muito preocupados com o fato de as minas clandestinas serem operadas em oposição aos princípios de propriedade estabelecidos, mas veem nessa atividade o reaparecimento de uma forma capitalista de "concorrência desleal", com a qual precisam lidar. Como o carvão ilegal é vendido a um preço mais baixo do que o carvão extraído legalmente, ele corta os mercados das

empresas de carvão, que já estão consideravelmente reduzidos. A posição de monopólio das empresas de carvão concentradas será ameaçada se o contrabando aumentar. O que quer que as últimas ganhem, as primeiras perderão; mais minas que trabalham com margens de lucro pequenas serão fechadas, e mais minas de contrabando surgirão. A concorrência, em grande parte eliminada pela concentração de capital, ameaça retornar por meio desse tipo de expropriação.

No entanto, essa luta contra o monopólio capitalista é travada com armas desiguais. Os métodos de trabalho primitivos têm de competir com a técnica altamente desenvolvida nas empresas de mineração em funcionamento. Hoje em dia, subcotar os operadores legais resulta em um salário magro de cerca de US\$ 14 por semana. Métodos de produção novos e aprimorados nas minas legais reduzirão a renda dos contrabandistas até que não reste nada. A pressão causada pela concorrência do contrabando ajudará a reduzir os salários dos "mineradores legais". Para manter seus empregos, eles precisam ajudar a manter os lucros de suas empresas e, por fim, descobrirão que a concorrência do contrabando também perturba seus próprios interesses, ou seja, enquanto pensarem em termos capitalistas. Assim, se o contrabando aumentar consideravelmente, os sindicatos, para se manterem vivos, também deverão se voltar contra ele, a fim de manter as taxas salariais em uma base que permita sua existência. O contrabando aumenta ou restabelece a concorrência entre os produtores de carvão, bem como entre os próprios mineiros. E aqui também todas as probabilidades estão contra os contrabandistas. Como eles são sempre forçados a reduzir os preços regulares estabelecidos pela concorrência geral ou pelos preços de monopólio, sua renda será sempre menor do que a renda de outros trabalhadores. O atraso técnico e outras restrições características de seus meios de operação superam em muito os lucros embolsados pelos capitalistas individuais, como foi provado pela história anterior do contrabando. A mineração ilegal, portanto, não apresenta nenhuma saída para a miséria dos mineiros desempregados, pois não é suficiente escapar de exploradores específicos e ainda permanecer na sociedade capitalista. A última determina a vida dos trabalhadores; a primeira, apenas o local de exploração. Somente enquanto sua concorrência não for séria é que ela poderá se afirmar. Se o contrabando se tornar uma ameaça real para a indústria privada, os operadores acabarão por expulsar os contrabandistas dos negócios, mesmo sem as forças do Estado e da lei, mas apenas por meio da concorrência comum, cortes salariais, técnicas aprimoradas e aumento da velocidade. O fato de isso ainda não ter sido feito apenas ilustra o fato de que o

problema não é considerado de primeira importância até o momento. Os problemas e as perdas envolvidos custariam, no momento, muito mais do que se poderia ganhar com a tentativa de eliminar os contrabandistas. Portanto, apenas os meios que poderiam ser obtidos de graça foram usados para controlar o movimento e mantê-lo dentro dos limites. Além disso, como o carvão só pode ser extraído perto da superfície em determinados locais restritos, as limitações geográficas do contrabando induzem os operadores a esperar e ganhar, em vez de atacar e ter sucesso.

O que o Bootlegging significa para os trabalhadores

A lição mais importante a ser tirada dos mineiros da Pensilvânia diz respeito à ação deles como tal. O fato de essa ação não poder resolver seus problemas de hoje ou de amanhã não tem relação com a questão. Os mineiros não agiram porque achavam que essa ação resolveria seus problemas, mas porque não viam outro caminho a seguir. Não houve propaganda organizada nem incentivo de organizações que os induzissem a praticar o contrabando. Eles simplesmente fizeram o que estavam acostumados a fazer, embora em uma escala maior. Todas as complexidades envolvidas na questão do contrabando, que ocuparam as comissões do governo por meses, resultaram do simples processo de pegar mais carvão do que antes para trocar por alimentos. Os problemas de todos os trabalhadores estão aqui, por assim dizer, apresentados em poucas palavras. Tudo o que é realmente necessário que os trabalhadores façam para acabar com suas misérias é realizar coisas tão simples como tirar de onde há, sem levar em conta princípios de propriedade estabelecidos ou filosofias sociais, e começar a produzir para si mesmos. Em uma escala social ampla, isso levará a resultados duradouros; em um plano local e isolado, será derrotado ou continuará sendo uma tentativa malsucedida, incapaz de atender às necessidades da classe trabalhadora. Quando as grandes massas enfrentarem uma situação geral semelhante à que os mineiros da Pensilvânia enfrentaram em seu caso específico, temos todos os motivos para supor que elas reagirão da mesma forma. Os mineiros piratas mostraram de forma bastante clara e impressionante que a tão lamentada ausência de uma ideologia socialista por parte dos trabalhadores não impede que eles ajam de forma anticapitalista, de acordo com suas próprias necessidades. Rompendo os limites da propriedade privada para atender às suas próprias necessidades, a ação dos mineiros é, ao mesmo tempo, uma manifestação da parte mais importante da consciência de classe, ou seja, que os problemas dos trabalhadores só podem ser resolvidos por eles mesmos. Essa consciência de classe cresce a partir da necessidade de ação e da contradição do capitalismo, e não das ideias

e da capacidade de líderes inteligentes. O fato de as outras organizações de autoajuda, que discutimos anteriormente, não terem ensinado uma lição tão positiva aos trabalhadores, não se deve ao fato de os trabalhadores envolvidos nelas serem menos "conscientes de classe" ou mais "patriotas", mas porque em seus territórios ainda havia uma chance de se dar bem no "American Way", portanto, não havia necessidade de agirem de forma tão "antipatriótica" quanto os desempregados da Pensilvânia. Mas tanto uma como a outra forma desses movimentos mostra claramente que os homens fazem o que podem e o que precisam fazer, e pensam de acordo com isso.

Nacionalização do carvão

O caso dos mineiros da Pensilvânia também é uma indicação de certas tendências sociais e econômicas gerais. Primeiro, há o processo de concentração de capital, aqui expresso no fato de que a maioria dos mineiros do sul da Pensilvânia estava subordinada a uma grande empresa. Em seguida, observamos o declínio da lucratividade - apenas as minas mais produtivas podiam ser operadas de forma lucrativa, e cidades inteiras ficaram subitamente sem possibilidades de vida. Em seguida, vemos aqui a ausência total da possibilidade de migração, pois para onde quer que os mineiros fossem, eles descobririam o que haviam deixado para trás. Condenar as empresas é fácil e certamente não nos opomos a isso, mas é um tanto inútil. Exigir que essas empresas sejam abolidas também não faz sentido, pois elas já aboliram a si mesmas. Nenhuma solução pode ser encontrada localmente. Os trabalhadores exigem trabalho, os capitalistas, lucros. Nenhuma dessas demandas pode ser satisfeita, pois ambas não são determinadas localmente, mas por condições nacionais e internacionais. A falta de esperança da situação faz com que surjam demandas para a nacionalização do carvão, o que significaria que o governo assumiria o controle das minas e de sua produção. Então, o preço do carvão seria fixado de acordo com o que a produção e a distribuição, mais a administração, representariam. Mas isso descreve apenas as condições mais favoráveis, pois se o carvão não pudesse ser vendido a esse preço, teria de ser vendido com prejuízo, e o déficit seria compensado com a receita tributária geral. Isso significaria praticamente que o restante da população, ou seja, todos os trabalhadores, teria que pagar pela posição privilegiada obtida pelo setor de carvão.

O carvão não é produzido nas quantidades possíveis, pois essa produção não geraria lucros. No entanto, não há escassez de carvão no mercado. Ou a produção de carvão será barateada e vendida no exterior abaixo dos preços do mercado mundial, fazendo com que os mineiros fiquem ociosos em outros países, ou, se não for vendida, será

acumulada e, depois de algum tempo, forçará a restrição da produção, independentemente da nacionalização do setor. Não é possível esperar um aumento geral da produção capitalista apenas com a redução dos preços do carvão, nem é possível, a longo prazo, cavar buracos na terra para produzir montanhas de carvão na superfície. Somente se as condições gerais do capitalismo melhorarem com uma acumulação progressiva, a demanda por carvão poderá aumentar o suficiente e o desemprego poderá ser atenuado. Mas a nacionalização do carvão é apenas outra expressão da relativa estagnação do processo de acumulação capitalista. Com base nessas condições de estagnação, a nacionalização do carvão só pode levar à nacionalização de mais e, por fim, de toda a indústria em um processo de reorganização que permita a continuação das formas capitalistas de produção e distribuição, apesar da diminuição dos lucros. Mas essa outra solução temporária já é o "bolchevismo" e pressupõe convulsões sociais em um grau perigoso para todo o sistema de exploração como tal.

A demanda pela nacionalização do carvão nos Estados Unidos só é possível por meio da compensação dos proprietários do setor. Dessa forma, é apresentada uma solução para muitos capitalistas individuais, cujas minas não lucrativas também não podem ser vendidas. A nacionalização significaria, em grande parte, apoio estatal ao capital. E como a compensação teria de ser paga com os produtos socialmente criados, isso significaria que os trabalhadores teriam de resolver mais uma vez as dificuldades de seus exploradores. Toda a teoria que envolve a questão da nacionalização se resume a nada mais do que cortes salariais para os trabalhadores. Mas mesmo isso não resolveria os problemas dos mineiros, pois seu emprego contínuo pressupõe um desenvolvimento geral e progressivo do capitalismo, enquanto os subsídios e os cortes salariais indicam a tendência oposta. Seja o que for que venha a ocorrer, a nacionalização do carvão oferecida como solução está, mesmo antecipadamente, precisando de uma solução.

(A ser continuado na próxima edição. Próximos capítulos: Organizações de desempregados. - O New Deal em Welfare-state).